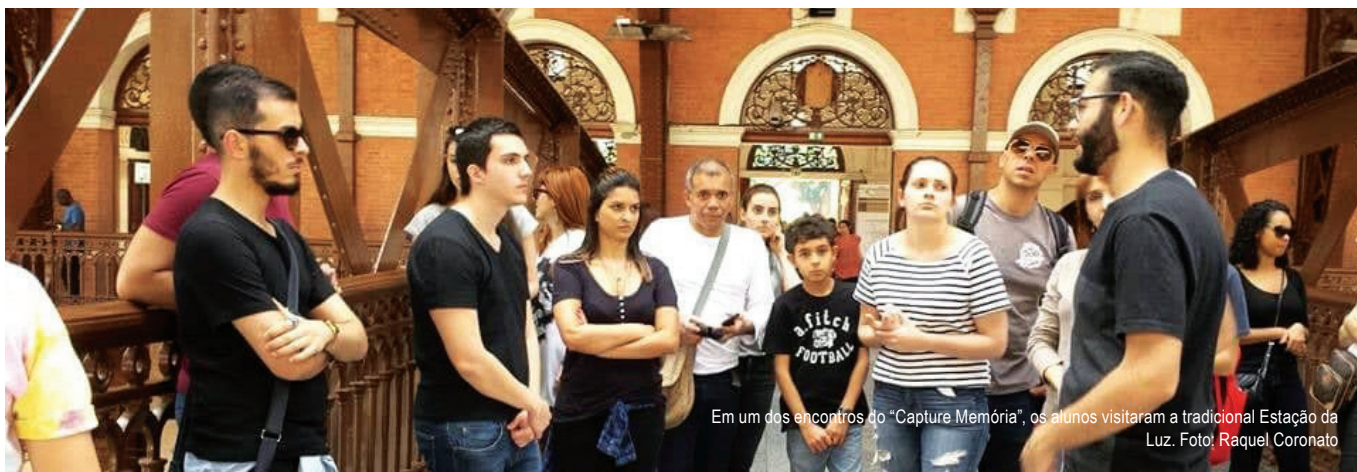


Extensão universitária valoriza memória do bairro

Estudantes analisam aspectos arquitetônicos e sociais da comunidade, além de aprender sobre educação patrimonial



Em um dos encontros do "Capture Memória", os alunos visitaram a tradicional Estação da Luz. Foto: Raquel Coronato

por Vinícius Barboza

Ao redor de quem mora e passa pelo Bom Retiro, há um patrimônio de valor inesgotável que enaltece e mantém a identidade do bairro paulistano. Alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac Santo Amaro realizaram um projeto de extensão no local, denominado "Patrimônio Cultural e Práticas da Memória". O programa foi feito em 2017 por meio de parceria entre o Senac e o Arquivo Histórico Municipal (AHM), localizado no bairro.

Sob a coordenação do professor Ralf Flôres, 40, arquiteto e urbanista que atua na área de Patrimônio Cultural e Representações Sociais, os estudantes tiveram contato inédito com a comunidade, visitaram museus do bairro, realizaram caminhadas fotográficas e puderam analisar o bairro dos pontos de vista arquitetônico, histórico e social.

A realização do projeto no bairro foi idealizada por Flôres e acolhida pelo AHM. "Escolhemos o Bom Retiro por conta do Arquivo Histórico, que fica sediado no bairro, e trabalhamos com o Educativo do Arquivo. Vimos o potencial do local para estudos sobre cultura, imigração, estilos arquitetônicos, tribos urbanas", conta o arquiteto. "É fundamental na extensão universitária termos uma demanda da comunidade e atendermos, retornando o conhecimento que a gente desenvolve", acrescenta.

Luara de Paula, 33, que coordena o Educativo do AHM há 1 ano, conta que foram propostos jogos de palavras e a leitura de textos sobre patrimônio e memória, para que os alunos pudessem conversar com os moradores do Bom Retiro a respeito dos temas. "Concentramos no diálogo com a população, em como a comunidade vê esses patrimônios, que relação diária possui com eles. As saídas fotográficas possibilitaram que os alunos pensassem como as pessoas que não tinham esse olhar conceitual enxergavam o bairro."

As caminhadas fotográficas deram origem ao "Capture Memória", ação criada para divulgar os encontros e as fotos do bairro, tiradas com celulares. Por meio de eventos no Facebook, outras pessoas

também puderam participar. Sophia Silva, 22, uma das alunas de Flôres, conta como funcionavam as caminhadas: "A ideia era fazer as pessoas olharem não só as construções, mas outros detalhes que também dizem muito sobre o bairro". Sophia produziu uma série de fotos mostrando escadas, e outros alunos fotografaram placas e letreiros comerciais.

Também foram produzidos alguns trabalhos acadêmicos sobre o Bom Retiro. Raquel Coronato, 23, desenvolveu uma iniciação científica. "Descobri o tema da iniciação na extensão. Ela serviu para entender o local, criar um olhar sobre sua memória e história e retratar coisas que só tem no bairro", conta. Já a arquiteta e urbanista Barbara Ferreira, 25, realizou seu TCC no qual analisou o bairro de forma técnica, mas adotando também um viés social. "Não era a ideia estudar pessoas, mas foi inevitável. A princípio iríamos propor alguma intervenção na área, mas o resultado focou na análise arquitetônica."

Para Azilde Andreotti, socióloga que trabalha há 3 anos no setor de Difusão e Pesquisa do AHM, o projeto contribuiu para que a comunidade valorizasse sua identidade. "O que pauta essa questão de patrimônio, tanto arquitetônico quanto documental, é a importância de preservar, para que as pessoas tenham essas referências e raízes. O trabalho de extensão teve muito a ver com história e memória, ainda mais em São Paulo, que cresceu desordenadamente e não respeitando arquiteturas anteriores", avalia.

A parceria entre o Senac e o AHM fora descontinuada para 2018. Neste ano, o projeto tem atuado com outros alunos em vários pontos da capital paulistana, com a colaboração do Museu da Cidade. De acordo com Flôres, as contribuições do projeto se expandem para além da sala de aula. "A extensão permite que eles tenham contato com o mundo real, desde trâmites do poder público até saber lidar com a rua, as pessoas. Em nossas oficinas, eu oriento e preparo os alunos, mas quem tem a frente de trabalho e quem conduz são eles. A ideia é fortalecer a autonomia neles para que amadureçam como profissionais", finaliza.